



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Bacharelado em Letras – Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas

Transitividade verbal e objeto nulo
Uma análise na produção textual de estudantes da
Universidade de Brasília

Michele Miranda da Costa Couto

Brasília
2011

Michele Miranda da Costa Couto

Transitividade verbal e objeto nulo
Uma análise na produção textual de estudantes da
Universidade de Brasília

Monografia apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota Naves.

INDÍCE

Introdução:	4
Capítulo I: Transitividade Verbal	5
1. Transitividade verbal sob a visão da Gramática Tradicional	5
2. A Transitividade verbal na linguística	6
3. Transitividade e valências	8
4. Verbos transitivos sem complementos	10
Capítulo II: Pesquisas Linguísticas sobre Transitividade Verbal, Clíticos e Objeto Nulo.	12
2.1. Transitividade Verbal: Desaparecimento dos Clíticos	12
2.2. Transitividade Verbal: Objeto Nulo	14
2.3. A Transitividade Verbal no Ensino	16
Capítulo III: Transitividade Verbal, Objeto Nulo – Uma análise	19
3.1. Uma análise a partir do gênero conto	19
3.2. Uma análise a partir do gênero resumo científico	23
Considerações finais:	25
Referências Bibliográficas:	26
Anexos:	28

Introdução

A presente monografia propõe analisar a ocorrência do fenômeno do objeto nulo na produção textual de alunos do ensino superior da Universidade de Brasília. Temos, também, como objetivo verificar se o gênero textual influencia na ausência do objeto nos textos em análise. O fenômeno envolve discutir primeiramente o conceito de transitividade verbal.

Notadamente, há poucos estudos teóricos sobre a relação entre transitividade verbal e a ocorrência do objeto nulo. Entretanto, os poucos estudos que há são facilmente distinguidos entre aqueles de base tradicionalista ou de base funcionalista, que tratam a transitividade de forma vaga, não a considerando como propriedade do verbo, mas da sentença, e aqueles que estudam a transitividade como propriedade do verbo, numa visão própria da semântica lexical e das teorias projecionistas.

Esta monografia discute ambas as perspectivas acima citadas, e adota o posicionamento de que a transitividade é propriedade do verbo. Por isso, após abordar a transitividade sob a visão da gramática tradicional (capítulo I), trata também da transitividade nos estudos linguísticos recentes sobre o tema (capítulo II). Posteriormente, no capítulo III, fazendo uso desse arcabouço teórico e abordando alguns pontos relevantes das pesquisas já realizadas por linguistas, são analisados os dados de *corpus* de textos redigidos por alunos do ensino superior da Universidade de Brasília. Por fim, são feitas as considerações finais a respeito do trabalho e tema proposto para esta monografia.

Capítulo I

Transitividade Verbal

1. Transitividade verbal sob a visão da Gramática Tradicional

O conceito de transitividade verbal não é encontrado em gramáticas tradicionais como Rocha Lima (1962), Almeida (1995), Cunha & Cintra (2008) e Bechara (2009). O que verificamos nas obras desses autores é apenas a classificação dos verbos como transitivos e intransitivos, distinguindo verbos que exigem complemento (transitivos), de verbos que recusam a presença de um objeto (intransitivos).

Cunha & Cintra (2008) mencionam que a análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente. Dessa forma, eles não consideram que a transitividade é do verbo, mas da sentença. Vejamos os exemplos extraídos de Cunha & Cintra (2008, p. 152):

- (1) *Perdoai sempre.*
- (2) *Perdoai as ofensas.*
- (3) *Perdoai aos inimigos.*
- (4) *Perdoai as ofensas aos inimigos.*

Na oração (1), o verbo ocorre intransitivamente, ou seja, a ação não vai além do verbo, que tem um sentido completo. Na oração (2), temos um verbo transitivo direto, pois o verbo está ligado diretamente ao complemento (o objeto direto – OD). Na oração (3), o verbo ocorre como transitivo indireto, pois está ligado ao seu complemento por meio de uma preposição. E na oração (4), o verbo ocorre como transitivo direto e indireto, pois há dois complementos, um direto e outro preposicionado. Sendo assim, os autores afirmam que não compete afirmar que um verbo é transitivo direto ou intransitivo sem analisar o contexto sintático em que ele ocorre.

Para Bechara (2009), o verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, quando o processo verbal tem aplicação muito vaga, como nos seguintes exemplos (p.415): *Eles comeram maçãs (transitivo)* ou *Eles não comeram (intransitivo)*. Ele alega que isso é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral, o qual possa englobar todos os seus signos léxicos. E conclui que a oposição entre transitivo e intransitivo não é

absoluta, pertencendo mais ao léxico do que à gramática. Percebemos que, em ambos os autores, a transitividade verbal é abordada de maneira prescritiva e vaga.

2. A Transitividade verbal na linguística

Perini (2009), diferentemente dos gramáticos tradicionais, diz que é preciso primeiramente distinguir dois tipos de informação sobre os itens léxicos (p.163):¹ (a) em que contexto o item ocorre em uma frase dada (relação sintagmática); e (b) em que contextos o item pode ocorrer (relação paradigmática). Porém, há verbos que sempre ocorrem como transitivos, exigindo um objeto, ou como intransitivos, recusando um objeto, respectivamente como nos exemplos:

- (5) a. *Maria faz lindos tapetes.*
b. * *Maria faz.*
- (6) a. *O filho de Maria nasceu no sábado.*
b. * *O filho de Maria nasceu um nascimento tranquilo*

Nos exemplos em (5), o verbo *fazer* exige um objeto direto, pois ele por si só não possui um sentido completo, necessitando assim de um complemento. Já o verbo *nascer* em (6) ocorre sempre como intransitivo, pois carrega em si um sentido completo.

Para Perini (2009), muitos autores tratam de forma equivocada o conceito de transitividade verbal, sugerindo que a transitividade não seria propriedade dos verbos, mas sim de seu contexto. Ele diz que essa visão tem como consequência o esvaziamento da noção de transitividade como propriedade dos verbos.

Perini (2009) também evidencia uma grande inquietação sobre a análise tradicional de transitividade, encontrada nas gramáticas, que consideram apenas a possibilidade de um verbo ser transitivo, quando exige um OD, ou intransitivo, quando recusa um OD. Para ele, os verbos que ocorrem tanto como intransitivos quanto como transitivos não ocupam um lugar no sistema tradicional. Dessa forma, Perini (2009) diz que os verbos devem ser assim classificados: os que recusam OD, como o verbo *nascer*; os que exigem OD, como o verbo *fazer*; e os que aceitam livremente OD, como o verbo *comer*. Perini (2009) conclui que a

¹ A obra em questão é de 1996, porém, a edição que está sendo consultada é a de 2009.

transitividade *é um fenômeno formal (sintático)*, deixando claro em sua abordagem que a transitividade é propriedade do verbo:

Cada verbo estabelece suas exigências quanto à ocorrência de complementos, e essas exigências são, em princípio, independentes de seu significado. Evidentemente existe uma relação entre transitividade e traços do significado dos verbos; e muitos desses traços se referem a exigências como de “agente”, “paciente” etc. (PERINI, 2009, p. 170)

Por seu turno, Castilho (2010) identifica a transitividade como uma propriedade da sentença, como podemos observar na citação:

(...) a transitividade gramatical é uma propriedade da sentença, e não do verbo que a constrói. Não há verbos exclusivamente transitivos, nem verbos exclusivamente intransitivos. (CASTILHO, 2010, p. 263)

Para Castilho (2010), a transitividade organiza a estrutura argumental da sentença, juntamente com a concordância e a colocação. O autor considera três aspectos: os casos gramaticais, a diferença entre argumentos e adjuntos e o preenchimento dos lugares argumentais. Ele menciona que a transitividade pode ser identificada na organização da sentença, por meio dos argumentos aos quais são atribuídos casos gramaticais e papéis temáticos.² Com relação aos casos gramaticais, Castilho (2010) analisa a construção do verbo e seus termos adjacentes (os argumentos) e as possibilidades de pronominalização desses termos, por meio de cinco processos de transitividade os quais ele identifica como (p.264):

- 1) Implementação: o termo selecionado é comutável por *o*, como em comer as ervas= comê-las;
- 2) Complementação: o termo selecionado é comutável por *lhe*, como em escrever à namorada = escrever-lhe.
- 3) Suplementação: o termo selecionado é comutável por pronomes pessoais do caso reto preposicionados, como em falar de política = falar dela.

² Argumento: constituinte da sentença selecionado pelo verbo ou outro predador, no processo da predicação. O argumento sentencial pode ser externo, ou sujeito, quando situado fora do sintagma verbal, ou interno, ou complemento, quando situado no interior do sintagma verbal.

Casos gramaticais: flexões das formas nominais, às quais estão ligadas as funções sintáticas assumidas por essas formas no interior da sentença.

Papeis temáticos: Conjunto de traços semânticos atribuídos pelo predador a seus argumentos.

4) Aditamento: o termo adjacente não é pronominalizável, vem normalmente preposicionado por *a, de, com, por, em*, e mostra uma mobilidade maior em sua posição relativa ao verbo do que os implementos e os complementos: vou falar nesta manhã= nesta manhã vou falar.

5) Atribuição: o núcleo verbal, quando constituído de itens tais como *ser, estar, ficar, permanecer*, e poucos mais, tem uma comutação bastante limitada, concentrando-se a predicação no termo adjacente, preenchido por sintagma adjetival ou por sintagma preposicionado, e não no verbo. Esse é o caso da minissentença.

3. Transitividade e valências

Conhecer a valência de um verbo é fundamental para saber em quais contextos ele pode vir a ocorrer. Borba (1996), em sua análise sobre valência verbal diz que é preciso considerar o verbo como uma unidade lexical com características morfológicas que permitam isolá-lo numa sequência. Ele considera dois tipos de valência: a sintática, que identifica as classes que preenchem os argumentos, e a semântica, que diz respeito às propriedades semânticas dos verbos.

A primeira propriedade, portanto, é a valência quantitativa, pela qual é possível saber quantos argumentos o verbo comporta. O verbo pode comportar de zero a quatro argumentos. O verbo *chover*, por exemplo, tem valência zero (Vo), pois seu predicado se concentra todo no verbo. Já o verbo *beber* exige apenas um argumento. O verbo *ouvir* já exige dois argumentos. O verbo *emprestar* exige três argumentos e o verbo *levar* exige quatro argumentos.

Em *Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais*, Perini (2008) mostra a importância do conceito de valência:

A valência de um verbo é o conjunto de construções em que ele pode ocorrer. Alguns verbos têm valências muito simples (*devorar*, por exemplo, que parece só ocorrer na construção transitiva), outros têm valências muito ricas e complexas (por exemplo, *dar*, que ocorre em grande número de construções). (PERINI, 2008, p. 236)

Segundo essa definição, o verbo *derramar*, por exemplo, pode vir a ocorrer em uma construção com SN(Agente)-V-SN (Paciente) ou em uma construção como SN(Paciente)-V, como nos exemplos extraídos de Perini (2008, p. 63):

(7) *Gracinha derramou o leite*

SN	V	SN
Agente		Paciente

(8) *O leite derramou*

SN	V
Paciente	

Assim como o verbo *derramar*, outros verbos seguem a mesma estrutura, de forma que é preciso saber muito mais que o significado do verbo para construir a sentença. É o que Perini (2008) diz a respeito do verbo *comer*:

Conhecer o item implica não apenas saber seu significado específico ou o fato de que se conjuga pela segunda conjugação, mas também saber que cabe em determinados ambientes, por exemplo, com objeto direto (*comi pizza*), ou sem objeto nenhum (*ele já comeu hoje*), mas não com *a* + SN (**comi ao pernil*). E igualmente saber que pode ocorrer em construções passivas (*Pierre foi comido pelos canibais*). (PERINI, 2008, p. 62)

Percebemos assim que o verbo *comer* pode ocorrer com um sujeito Agente e um SN Paciente, que são papéis temáticos que o verbo carrega. Perini (2008) fala que essa construção é classificada como transitiva: **Sujeito-Agente + verbo + sufixo de PN-Agente + SN-Paciente**.³ Essa construção serve tanto para o verbo *comer*, quanto para outros como *matar*, *escrever*, *aprender*, *rabiscar*, pois possuem a mesma valência. Já na construção intransitiva, Perini (2008) apresenta a estrutura H(Agente) + V, em que H representa o sujeito ou o sufixo de pessoa-número. Essa construção pode ser vista no exemplo: *O gato fugiu*.

Esses exemplos corroboram a afirmação de que cada verbo, dependendo do contexto em que se encontra inserido, assume valências diferentes devido a sua capacidade de se relacionar com outros constituintes na oração.

³ PN: pessoa-número; a flexão número-pessoal dos verbos.

4. Verbos transitivos sem complementos

Azeredo (2008) menciona que os verbos transitivos sem complemento explícito podem ocorrer em dois casos: por redundância ou generalidade, ou quando a situação comunicativa ou o contexto verbal permitem que o objeto seja reconhecido ou recuperado. Vejamos os exemplos (p. 221):

- (9) a. *Ele só fuma após tomar um cafezinho.*
 b. *Ainda não comi hoje*
 c. *Leia!*
 d. *Ele ofereceu o dinheiro, mas eu não aceitei.*

Nos exemplos em (9a) e (9b), a informação expressa pelo objeto pode ser considerada irrelevante para o entendimento da frase. No exemplo (9c), o objeto pode ser reconhecido, pois foi dito por alguém que oferece ou aponta a coisa a ser lida. E no exemplo (9d), o objeto de *aceitar* é recuperado, pois já foi mencionado anteriormente.

Para Perini (2008), na língua portuguesa os objetos podem ser omitidos com grande facilidade. E a omissão do objeto pode ser vista como um caso de construção transitiva de objeto elíptico, assim definido: SN(agente)-V-Ø(paciente). Nesse caso, Ø não é visto como uma categoria vazia, mas como um paciente não especificado.

Castilho (2010), por sua vez, trata Ø nas orações como uma categoria vazia. Ele menciona que a possibilidade de elidir o objeto direto em uma sentença ocorre quando a estrutura é mais simples, sendo assim representada: [S +V + OD] ou [S + V + OD + OI]. Vejamos os exemplos extraídos de Castilho (p.302):

- (10) a. *Conta essa história do seu avô de novo.*
 b. *Você já contou Ø pra ele ?*
 c. *Viu-me na rua.*
 d. *Viu Ø na rua.*

Castilho também explica que, quando a estrutura da frase é complexa, aumentam as possibilidades de retenção do objeto direto, com a utilização do pronome *ele* ou pela construção de uma sentença no infinitivo, como podemos observar nos exemplos (p.302):

- (11) a. *Eu não tenho nada pra reclamar não. Eu acho ela sensacional.*
 b. *Ontem ele foi ao cardiologista. Eu já deixei ele ir ao cardiologista sozinho há muito tempo.*
 c. *Eu queria ter uma irmã. Eu acho ter uma irmã tão bom!*

Castilho (2010), citando Duarte (1989), chega à conclusão de que, o traço /animado/ ou /-animado/ favorece a elisão ou não do objeto direto. Isso foi possível devido às observações feita por Duarte, em que 76,3% dos objetos retidos exibem o traço /animado/, contra 23,7% de elididos, e 76,8% dos objetos diretos elididos, ao serem restituídos, exibem o traço /-animado/.

O traço /-animado/ favorece a elisão do objeto direto, não importando em que estrutura sintática ele ocorra; o traço /animado/ favorece a realização do objeto direto, principalmente através do pronome lexical, com destaque para as construções complexas. (CASTILHO, 2010, p.302)

Em suma, é evidente que, para os autores acima citados, a omissão do objeto é perfeitamente aceita na língua portuguesa, mantendo a gramaticalidade da oração, porém, há verbos que necessitam do complemento para que não haja ambiguidade e o entendimento da sentença não fique prejudicado.

Capítulo II

Pesquisas Linguísticas sobre Transitividade Verbal, Clíticos e Objeto Nulo

Os trabalhos de linguistas que investigam a transitividade verbal encontradas em nossa pesquisa bibliográfica dividem-se entre aqueles que abordam o tema a partir do fenômeno da mudança no uso dos clíticos e do fenômeno do objeto nulo, e a partir do ensino gramatical. Vejamos uma breve síntese da pesquisa que cada um desses autores realizou.

2.1 Transitividade Verbal: Desaparecimento dos Clíticos

Em seu trabalho, Cyrino (1993) discorre a respeito das mudanças diacrônicas ocorridas no Português do Brasil com o desaparecimento dos clíticos e o aparecimento do objeto nulo. O ponto de partida do seu trabalho é a observação das diferenças entre o português do Brasil (PB) e o português europeu (PE) em relação ao fenômeno do objeto nulo. Cyrino (1993) cita Raposo (1986) ao mencionar que o objeto nulo no PE pode ocorrer em construções específicas. Vejamos os exemplos de Raposo que se encontram no *corpus* analisado pela autora. (p.164):

- (1) a. *A Joana viu O na TV ontem.*
 b. *A empregada colocou os livros na estante?*
 Sim, ela colocou O.
 c. *A Maria entregou o dinheiro ao Manuel, mas eu sei de algumas*
 pessoas que nunca teriam entregue O.
- (2) a.* *Eu informei a policia da possibilidade de o Manuel ter guardado O no*
 cofre da sala de jantar.
 b*. *O rapaz que trouxe O agora mesmo da pastelaria era teu afilhado.*
 c*. *Que a IBM venda O a particulares surpreende-me.*
 d*. *O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado O*
 cuidadosamente no cofre.
 e*. *Quando é que o Manuel vai oferecer ao Antonio O t?*

Cyrino (1993) menciona que somente as construções do tipo (1) são aceitas no PE, ao contrário do PB que aceita perfeitamente as construções do tipo (2), pois no PB o objeto nulo é mais livre.

Em um primeiro estudo, Cyrino (1990a) mostra as mudanças diacrônicas ocorridas no PB, constatando que a ocorrência do objeto nulo era restrita a certos contextos e tornou-se mais livre para ocorrer em outros contextos. E no mesmo *corpus*, a autora relaciona o aumento da ocorrência de objetos nulos em PB com a perda do clítico de 3ª pessoa. Cyrino (1993) chega a citar Galves (comunicação pessoal), para dizer que a posição dos clíticos no PB estaria relacionada ao fenômeno do objeto nulo.

Também em pesquisa anterior, Cyrino (1990b) investiga a mudança da posição dos clíticos em PB, para verificar se houve mudança sintática que se relacionasse com a reanálise da categoria vazia em posição de objeto, e chega à conclusão de que:

- a. a ênclise é progressivamente abandonada.
- b. Há também uma mudança nos padrões de ocorrência da próclise, ou seja, a ocorrência de clitic climbing é progressivamente restringida.
- c. A possibilidade de o clítico subir para uma posição acima de VP vai, portanto lentamente deixando de existir. (CYRINO, 1993, p.170)

Cyrino (1993), mostra em seus dados que, em uma oração simples, o clítico se fixa ao V que carrega a concordância, e em uma oração com locução verbal, o clítico se fixa ao V mais baixo no PB atual. Vejamos os exemplos extraídos do *corpus* da autora (p.170):

(3) *João me deu um livro.*

(4) *João vai me dar um livro.*

Cyrino (1990b) aponta que na 1ª metade do século XVIII havia 85% de ocorrência de clíticos contra 17% de falta de clíticos (posição vazia - objetos nulos). E na 1ª metade do século XIX, a ocorrência de clíticos já havia caído para 58% contra 42% de sentenças sem o clítico (e sem o pronome lexical). A autora menciona que vários estudos apontam para a queda do clítico, mas não explicitam exatamente qual o clítico que desapareceu no PB.

O que se observa nesse estudo, é que, além do clítico de 3ª pessoa ter sido o primeiro a cair, é especificamente o clítico “o” proposicional o primeiro a ser

atingido pela mudança. Este fato, então, leva-me a hipóteses sobre a origem do objeto nulo a partir da queda desse clítico. (CYRINO, 1993, p. 174)

Através dos dados, Cyrino (1993) diz que os clíticos de 1ª e 2ª pessoa ainda ocorrem no PB, no entanto, em uma proporção reduzida. Dessa forma, a autora chega à conclusão de que a queda do clítico em PB realmente estaria relacionada com a ocorrência do objeto nulo.

2.2 Transitividade Verbal: Objeto Nulo

Cyrino, Nunes e Pagotto (2009), em sua abordagem sobre complementos nulos, mencionam que algumas línguas naturais e o PB permitem a construção com elipse de SV. Os autores explicam que o “material elidido requer um antecedente no contexto linguístico para receber a interpretação adequada” pag77. Vejamos o exemplo extraídos do *corpus* dos autores (p. 77):

(5) *aprendeu a fazer o xixi dela no sanitário... que ela não fazia [Ø]*

No exemplo acima, encontra-se ausente o SN complemento *o xixi dela*, e o adjunto *no sanitário*, que são recuperados pelo antecedente *fazer o xixi dela no sanitário*.

Os verbos que selecionam sentenças como complementos podem ocorrer com seu complemento nulo. Vejamos os exemplos (p. 77):

- (6) a. *porque isso que eu (es)tou fazendo aqu..., que eu cheguei em casa, vi televisão e depois vim pra cá pra... pra conversar ou dessa maneira ou ir prum cinema ou prum teatro... ter uma vida cultural... aprender línguas... fazer qualquer coisa... logicamente eu gostaria de fazer... mas não posso [Ø] porque eu tenho que complementar o meu salário com dinheiro dum... dum cargo à noite*
- b. *porque lá você não tem problema de transporte porque a cidade é pequena você se quiser [Ø] vai a pé...a Universidade é no centro da cidade*
- c. *Tudo indica que a resposta está: na um dois... no terceiro parágrafo... da página dezesseis... não deixe-me ver... normalmente vocês encontram onde isso? Não podem me dizer [Ø]... não.*

Notamos que os verbos encontrados nos exemplos acima são verbos modais: *poder, querer, dizer*.

Cyrino, Nunes e Pagotto (2009) falam a respeito da construção que envolve os verbos bitransitivos e os verbos *dicendi*, e nessas construções o argumento que representaria o destinatário não aparece realizado.⁴ Essa construção é comum nas línguas naturais, porém, não é específica do PB. Vejamos os exemplos dos autores (p. 78):

- (7). a *nós não podemos **afirmar**... categoricamente que as coisas se passaram assim.*
 b. ***disseram** que vai ser estabelecido causa depois de estabelecido causa aí vai ser:... automaticamente... necessário... uma atitude mais:... mais rápida pelo menos...*
 c. *quan:do... eu **pergunto**... o que estuda a sociologia do direito eu poderia perguntar também o que estuda a sociologia jurídica e eu estaria... fazendo a mes:ma pergunta.*

Os destinatários nas sentenças acima podem ser vistos como uma espécie de adjunto, sendo opcionais na sentença. Segundo Cyrino, Nunes e Pagotto (2009) essa análise corrobora a intuição da gramática tradicional de que verbos *dicendi* podem ser transitivos ou bitransitivos.

Cyrino, Nunes e Pagotto (2009), ao abordarem o objeto nulo, mencionam que essa construção “caracteriza de maneira muito especial a gramática do PB”. Nas sentenças, os argumentos não são realizados. Vejamos os exemplos do *corpus* dos autores (p. 79):

- (8) a. *eu recebi aqui **meu ordenado** e entreguei [Ø], (es)ta... agora nesse mês, como a UPC não aumentou e como diminuiu o número de UPCs, o que vai acontecer é que, eu vou pagar um pouquinho menos no outro mês.*
 b. *pra mim realmente é um sacrifício... às vezes vejo pastel... me dá vontade de comer [Ø], mas eu procuro evitar.*

Em (8), o argumento interno dos verbos *entregar* e *comer* é interpretado como *meu ordenado* e *pastel*, respectivamente. Nos casos de objeto nulo, o complemento também pode ser retomado de um SN que ocorreu anteriormente na sentença.

⁴ Verbos *dicendi* são verbos de declaração como: *dizer, falar, perguntar, pedir*.

(9) *O estudante pega o assunto e decora [Ø]*

Cyrino, Nunes e Pagotto (2009) evidenciam que o objeto nulo ocorre mais livremente no PB do que em PE:

Objetos nulos em PB ocorrem bem mais livremente que em português europeu. Embora admitam limitadamente antecedentes animados e definidos/ específicos, (...), sua ocorrência é substancialmente favorecida em contextos em que o antecedente é indefinido/ não específico ou inanimado. (CYRINO, NUNES e PAGOTTO, 2009, p.80)

2.3 A Transitividade Verbal no Ensino

Pilati *et al* (no prelo) discutem o ensino gramatical na educação básica e propõem que a gramática da língua portuguesa figurem como objeto de análise científica no confronto com outras línguas, e partem do pressuposto que sua manifestação é determinada por um conhecimento inato. As autoras defendem que “um objetivo fundamental do ensino de língua é desenvolver no aluno uma habilidade de reflexão sobre a língua que se torne cada vez mais refinada, com implicações para sua produção oral e escrita em língua portuguesa” (Pilati et al, no prelo)

As autoras mencionam que um dos papéis do professor é fazer com que o estudante saiba explorar o seu conhecimento internalizado, fazendo uso consciente das estruturas e dos recursos gramaticais que possui. Utilizando-se do conceito de Kato (1997) distinguem a língua interna, vista como o conhecimento inconsciente e internalizado (competência), da língua externa, que é o uso do conhecimento linguístico nas diversas situações comunicativas. Elas explicam que essas duas visões resultam em concepções distintas no que diz respeito à aquisição de língua, já que para os estruturalistas a aquisição é resultado da estimulação externa, pois eles não distinguem desenvolvimento natural da língua de aprendizagem de outras habilidades. Por outro lado, para os gerativistas, há um mecanismo mental específico, destinado à aquisição de língua, que é atributo biológico da espécie humana, e esse dispositivo faz com que as crianças identifiquem tanto as propriedades invariantes da língua, como as variações possíveis. Para as autoras, no ensino da língua, não se deve privilegiar

nem um conceito, nem outro, mas sim abordar a língua sob ambas as perspectivas, tanto a externa (desempenho), quanto a interna (competência).

Pilati *et al* explicam que, como as gramáticas tradicionais não se detêm na análise das possibilidades expressivas das línguas e na interpretação semântica das diferentes formas linguísticas, isso faz com que as aulas sejam de “como se dever usar a língua”, quando deveriam versar sobre o entendimento de como a língua funciona e sobre a análise das possibilidades que a língua pode oferecer. Outro fator em questão é que os alunos são colocados numa posição de aprendizado passivo, como se desconhecêssem a língua que utilizam no seu dia a dia.

Dessa forma, as autoras colocam que um dos maiores desafios para o ensino do conteúdo gramatical relativo às funções sintáticas e à transitividade é a falta de sistematização das definições encontradas nas gramáticas tradicionais, pois as definições são circulares. O conceito de transitividade depende do estudo sobre as funções sintáticas (sujeito, complemento, objeto, predicativo etc), e os gramáticos costumam divergir com relação à classificação dos verbos quanto à transitividade.

Pilati *et al* utilizam-se dos conceitos de Cunha & Cintra (2001) e de Rocha Lima (2002), para mostrar a divergência e até mesmo a diferença quanto à classificação dos verbos.⁵ De acordo com Pilati *et al*, a análise sintática das orações, segundo um ou outro autor, também se distingue em termos das categorias de análise propostas. Vejamos os exemplos utilizados por Pilati *et al*:

(10) *João Gosta de maçã*

- a. Rocha Lima: *gosta* = verbo transitivo relativo; *de maçã* = complemento relativo
- b. Cunha & Cintra: verbo transitivo indireto; *de maçã* = objeto indireto

(11) *João voltou de Brasília.*

- a. Rocha Lima: *voltou* = verbo transitivo adverbial; *de Brasília* = complemento adverbial.
- b. Cunha & Cintra: *voltou* = verbo intransitivo; *de Brasília* = adjunto adverbial

⁵ Cunha & Cintra (2001) é a mesma gramática referida no Capítulo 1, em edição anterior.

Para Pilati *et al.* a análise gramatical deve lidar com outros tipos de dados, em que um mesmo verbo se constrói de maneira distinta, havendo até mesmo alternância de função sintática entre os constituintes. Vejamos os exemplos que se encontram no *corpus* das autoras.

(12) a. O João quebrou o vaso com um martelo

sujeito obj. direto adj. Adverbial

b. O vaso quebrou

sujeito

c. Um martelo quebrou o vaso

sujeito obj. direto

(13) a. Maria bordou lantejoulas no vestido

sujeito obj. direto adj. Adverbial

b. Maria bordou o vestido com lantejoulas

sujeito obj. direto adj. Adverbial

Pilati *et al* dizem que os estudantes em geral conseguem distinguir as funções sintáticas e as relações gramaticais entre os verbos e os seus complementos. E por terem um conhecimento internalizado, os estudantes não constroem orações que estejam em desacordo com certos princípios da gramática de sua língua. As autoras mencionam que, para o ensino das funções sintáticas e da transitividade verbal, deve-se levar em conta esse conhecimento internalizado dos alunos, pois é na língua em funcionamento que os dados são analisados, e as construções e definições devem ser feitas a partir desses dados e não o oposto. Pilati *et al* afirmam que essa análise pode ser feita a partir da produção e da compreensão de textos dos estudantes, já que o conhecimento que eles têm internalizado sobre a gramática se materializa nos enunciados/textos produzidos/interpretados. Para as autoras, o importante é fazer os estudantes refletirem sobre a língua em funcionamento tanto conscientemente quanto intuitivamente, fazendo a relação entre a forma das expressões e a sua significação.

Capítulo III

Transitividade Verbal, Objeto Nulo – Uma análise

Retomando o nosso item de estudo, analisamos o fenômeno do objeto nulo em produções textuais de estudantes do ensino superior da Universidade de Brasília. A modalidade do gênero textual produzido pelos universitários foi levada em consideração em nossa análise, pois trabalhamos com dois tipos de gêneros. Faz-se saber que nosso *corpus* é constituído de vinte redações, sendo dez narrativas e dez redações expositivo-dissertativas. As redações foram produzidas por alunos matriculados na disciplina Leitura e Produção de Textos. Ademais, utilizamos parte do arcabouço teórico apresentado nas páginas anteriores deste estudo, principalmente, no que se refere às questões da ocorrência do objeto nulo.

3.1 Uma análise a partir do gênero conto

A narrativa apresentada pelos estudantes de ensino superior é uma releitura da história *As Mil e Uma Noites*. Muitos alunos modificaram a história original, dando um desfecho diferente e criativo ao final do conto. Porém, o que pretendemos analisar nas narrativas é a ocorrência do objeto nulo ou a pronominalização do objeto. Sendo assim, o corpo da redação, ou seja, a forma como os verbos aparecem e o seu complemento é o que interessa em nossa análise.

As narrativas analisadas apresentaram um grande número de objeto pronominal. Tivemos um total de 47 ocorrências de objeto nulos ou pronominais, sendo 33 de objeto pronominal e somente 14 de objeto nulo. Os alunos utilizam esse recurso muitas vezes para o texto não ficar repetitivo ou até mesmo para simplificar um diálogo. Vejamos alguns dos exemplos:

- (1) “*Era um povo muito diverso as moças mulatas e formosas, escravos fortes, pessoas que temiam seu rei, admirando sua magnitude e imponência. Haviam pessoas que não acreditavam tanto nessa figura magistral de sua alteza, enxergavam-no como um oportunista desinteressado pelas lutas do povo*”

- (2) *“Quando Chariar chegou, **lhe** contei do ocorrido, e ele, triste, sugeriu que **o** partíssemos.” Aceitei Ø, e depois de alguns dias de viagem, fomos obrigados a **nos** deitar com uma mulher casada.”*

No caso (1) ocorre a presença do verbo *enxergavam*, cujo objeto pronominal pode ser reconhecido e recuperado através da interpretação. Como vimos anteriormente, os alunos possuem uma gramática internalizada, por isso pode-se dizer que as escolhas dos vocábulos não são feitas aleatoriamente, mas para dar apoio a uma ideia principal. No caso (2) há a ocorrência tanto do objeto nulo, como do objeto pronominal. Notamos que nesse exemplo o aluno tem o domínio da marcação do objeto.

Percebemos que na narrativa os alunos se expressam livremente, ocorrendo manifestação própria da fala na escrita, até porque eles buscam criar expectativas no leitor. E como a narrativa conta fatos como forma de entreter é muito comum a pronominalização. Vejamos:

- (3) *“Ao chegar em seu quarto, resolvi que já era hora de contar a **ele**.”*
 (4) *“No dia seguinte, parti em direção ao seu reino. Mas, no meio do caminho, recordei-me que havia esquecido seu presente, então voltei para pegá-**lo**.”*

No caso (3), a construção da sentença se encontra no infinitivo mais o pronome *ele*, em função de objeto indireto (introduzido por preposição). Notamos que o sintagma nominal não pode ser comutável pelo pronome pessoal acusativo *o*, dada a sua função sintática. Assim podemos dizer que os alunos, por meio do seu conhecimento, não constroem frases agramaticais. No caso (4) o aluno utiliza o pronome *lo* para recuperar o substantivo *presente*, que se encontra na oração anterior.

Como vimos em nosso arcabouço teórico, o pronome ou a sua ausência podem alternar livremente em certos contextos. Em outros, pode causar inaceitabilidade, pois pode ocorrer ambiguidade e em outros contextos o pronome pode vir a ocorrer, mas pode surgir diferença de significado. Vejamos um exemplo em que o aluno utiliza a todo o momento o pronome no lugar do objeto.

- (5) *“Sou filho de um grande rei das ilhas da Índia e da China, e meu nome é Charias. Após vinte anos sem ver meu irmão mais novo, Chazaman, chamei-**o** para me visitar em meu reino. Quando chegou, percebi que algo **o***

*perturbava, e convidei-o para uma caçada, esperando que **lhe** fizesse bem, mas ele recusou Ø, com o mesmo semblante triste. Porém, na volta ele me parecia sadio novamente, então perguntei-**lhe** como havia **se** curado, e o que ele me contou Ø depois fez com que eu perdesse minhas cores: contou-me sobre toda a traição de minha esposa, e sua própria história.”*

Notamos, novamente, que há a ocorrência tanto do objeto pronominal, quanto do objeto nulo, e através desse exemplo, podemos confirmar que o traço [+animado] favorece a realização do pronome lexical. Em outro caso, podemos observar que o aluno simplesmente omite o objeto, que contém o traço [-animado], o qual favorece a realização do objeto nulo, de acordo com as pesquisas citadas no Capítulo 2. Vejamos:

- (6) *“Então **lhe** respondi que estava esperando o momento oportuno para contar essa história. Assim comecei a contar Ø.”*
- (7) *No dia seguinte, resolvi contar ao meu irmão o que a sua mulher tinha feito Ø no jardim com um escravo. Charian, espantado, não acreditou Ø, pedi para que visse naquela noite o que eu tinha visto Ø pela sacada”.*

Os alunos, em sua maioria, preferem a utilização do pronome lexical *ele* em função de objeto. Castilho (2010), resenha o trabalho de Cyrino (1997) e Duarte (1989) e nos apresenta as conclusões desses autores. Vejamos: Cyrino (1997) nos mostra que o uso do pronome lexical *ele* em função de objeto começou a partir da segunda metade do século XIX, e desde então a ocorrência da utilização desse pronome vem aumentando principalmente entre os jovens. Já Duarte (1989) buscou saber se a idade, a formação escolar, a formalidade/informalidade da situação exerciam alguma influencia na escolha das estratégias de representação do objeto direto. E ela chegou à conclusão de que:

- a) os clíticos não aparecem entre os falantes jovens, e só começam a ser utilizados à medida que eles progridem em sua formação escolar;
- b) a idade, e a formação escolar não têm a menor importância na emergência da categoria vazia, o que mostra que a elipse do objeto está bem estabelecida na estrutura dessa variedade no PB;
- c) nas situações mais formais, evita-se o pronome lexical e cresce a utilização dos sintagmas nominais, mas de qualquer forma o clítico não é utilizado. (CASTILHO, 2010, pp.302-303)

Outros exemplos de que os pronomes são bastante utilizados nas redações dos estudantes podem ser vistos a seguir. É bom enfatizar que estamos lidando com alunos do ensino superior, em que já ocorre certa maturidade intelectual e linguística para o desenvolvimento de uma boa redação.

- (8) “Contei a **ele** sobre o acontecido, e sua esposa também praticava orgias com muitos escravos.”
- (9) “Ela acreditava que se pudesse dialogar como rei e se pudesse mostrar-**lhe** um novo mundo por meio das histórias, talvez conseguisse curá-**lo** de sua crueldade.”
- (10) “Eu queria parar com essa matança e tranqüilizei meus pais pedindo-**lhes** para confiar em mim que nenhuma virgem seria morta depois do rei **me** escolher.”
- (11) “Decidi que dali em diante eu convocaria jovens virgens e puras, uma a cada noite, para que eu pudesse possuí-**las** e matá-**las** em seguida.”

A ocorrência do fenômeno do objeto nulo nos textos analisados tem como finalidade evitar a repetição de termos mencionados anteriormente na oração. Vejamos alguns exemplos que se encontram nas redações dos alunos.

- (12) “*Sherazade era uma virgem linda e gostaria de vir de encontro a mim. Sua família não queria aceitar o destino por ela escolhido. Mas, mesmo assim ela veio Ø.*”
- (13) “*Assim que o escravo pela rainha chegou, todos **se** entrelaçavam num grande ato sexual, eu inclusive no meio daquele alvoroço fui tomado por colegas e desconhecidos, uma louca orgia no meio do jardim real, e assim compreendi a necessidade da ausência do rei. Assim este acontecimento **se** repetia a cada vez que o rei saía. E ele nunca desconfiou Ø*”
- (14) “*Chegando lá, Chariar me perguntava por que estava tão abatido, eu não **o** respondia Ø*”

Nos casos acima o SN é facilmente recuperado pelo contexto. A ocorrência tanto do objeto nulo como da pronominalização é muito comum e recorrente. Porém esse fenômeno

não pode ser visto como um problema, pois o que essa análise nos evidencia é a transitividade como uma propriedade do verbo.

3.2 Uma análise a partir do gênero resumo científico

Escrever um resumo científico requer um cuidado maior por parte dos alunos, pois é preciso que o texto contenha as informações mais pertinentes para o entendimento da discussão de forma clara e concisa. Por isso, os alunos têm um maior cuidado com o vocabulário e com a extensão do texto, já que um resumo acadêmico contém aproximadamente 250 palavras. Assim, é preciso ser objetivo na hora de explicar e apresentar a ideia do autor do texto, evitando detalhes desnecessários. A ocorrência do objeto nulo e da pronominalização não foi significativa em relação a esse gênero. Vejamos algumas ocorrências.

- (15) *“Por fim, o artigo reconsidera os mitos, **os** consertando e tornando-**os** mais próximos do que realmente é o processo da escrita.”*
- (16) *“O artigo começa nos passando que mitos vêm **nos** sendo cristalizados a respeito da produção de textos, durante nossa vida escolar, e que esses devem ser quebrados.”*

Nos casos acima, ocorre a utilização do objeto pronominal. Em nossos dados tivemos apenas algumas ocorrências do objeto pronominal. Podemos dizer que o gênero textual influenciou no resultado. Vejamos outra ocorrência.

- (17) *“Exemplos desses mitos são citados e, ao mesmo tempo, o autor com apoio de textos literários e/ou ideia de outros autores que falam sobre o mesmo assunto vai desmitificando-**os**.”*

Em suma, as ocorrências do fenômeno estudado encontradas nas redações dos alunos de ensino superior acontecem nos seguintes contextos: frases em que há a recuperação de termos já mencionados por meio de um pronome lembrete; frases em que o termo já mencionado aparece elidido em posição de objeto, de forma a evitar a repetição.

Por meio desta análise chegamos à conclusão de que:

- a) a ocorrência do pronome com função de objeto é maior que a ocorrência do objeto nulo nos dois gêneros textuais;
- b) a ocorrência tanto do objeto pronominal quanto do objeto nulo é maior na narrativa do que na dissertação.

Sendo assim, o fenômeno do objeto nulo e da pronominalização de objeto, encontrado nas redações dos alunos de ensino superior, não pode ser visto como uma construção inconsciente, pois os estudantes conseguem distinguir as funções sintáticas e as relações entre o verbo e seus complementos, optando assim pela realização ou não do objeto.

Considerações Finais

A partir do que foi exposto em nosso estudo, podemos concluir que independentemente do gênero textual é possível a ocorrência tanto do objeto nulo quanto do objeto pronominal, porém, esse último é mais utilizado pelos alunos. Tivemos um total de 52 ocorrências, sendo 38 de objeto pronominal e 14 de objeto nulo. Os dados também corroboraram a afirmação de que o traço [+animado] favorece a realização do pronome lexical.

Afirmamos, também, que a discussão sobre transitividade verbal encontrada nas gramáticas tradicionais pode ser vista como algo superficial e vago, pois não trabalha com o conceito de transitividade verbal, mas sim com a classificação dos verbos, ora levando em conta o contexto oracional, ora ignorando esse contexto. Já os linguistas buscam abordar a transitividade de uma forma diferente da encontrada nas gramáticas tradicionais, pois levam em conta o conhecimento internalizado do aluno.

Entendemos que ainda há muito que se avançar nas pesquisas sobre o fenômeno do objeto nulo, principalmente na abordagem desse fenômeno no ensino de língua portuguesa, pois existe a necessidade de reconhecer quais são as influências desse fenômeno em uma prática discursiva. Dessa forma, podemos dizer que o ensino sobre transitividade verbal nas escolas deve priorizar o conhecimento internalizado dos alunos, para que eles tenham domínio da língua em funcionamento e saibam relacionar a forma das expressões com a sua significação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Saraiva: 1995.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, São Paulo, Publifolha: 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Lucerna: 2009.
- BORBA, Francisco S. *Uma Gramática de Valências para o Português*. São Paulo, Editora Ática S.A: 1996.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil (vol.3)*. Cap.2 (Complementação). Campinas, Unicamp: 2009.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo, Editora Contexto: 2010.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Lexicon: 2008.
- CYRINO, Sonia M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da Unicamp, pp. 163-184, 1993.
- CYRINO, Sonia M. L., NUNES, J. & PAGOTTO, E. Complementação In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas, Unicamp: 2009.
- LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora S. F. Briguiet & CIA: 1962.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo, Editora UNESP: 2000.
- PERINI, Mario Alberto. *Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais*, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PERINI, Mario Alberto. *Gramática Descritiva do Português*, São Paulo: Editora Ática: 2009.
- PILATI *et al.* Educação linguística e ensino de gramática na educação básica. No prelo.
- SACONNI, Luís Antonio. *Nossa Gramática Completa: teoria e prática*. São Paulo: Nova Geração: 2009.

SILVA, Suiane Bezerra da. ***Estudo Funcional Tipológico da Transitividade Verbal em Português do Brasil Aplicado ao Ensino***. Dissertação de Mestrado, Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

ANEXOS

Universidade de Brasília

Nome: FRANGKY Lourenço Mantizi

Matrícula: 11/0011694

Leitura e Produção de Textos - Roberta

Depois de ter ^{se mudou uma expressão} arrebatado a virgindade de Sharazade, filha de um servo real, ela começou a me contar uma história. Fiquei bastante interessado na sua capacidade de criar contos e fábulas. A cada noite, ela pedia para me contar uma história diferente.

Com o passar do tempo, fui me esquecendo de que pretendia passar cada noite com uma mulher diferente, e conforme as noites se passavam, me interessava cada vez mais por Sharazade. ^{Não dava espaço entre elas virgindade.}

Após se passarem 1.001 noites, ela se negou a me contar mais histórias. Fiquei enfurecido, mas logo que a perguntei o motivo de tal decisão, ela me disse: "Apenas continuarei com os contos se Vossa Majestade, durante seu reinado, abolir a morte de inocentes". Muito apreensivo, logo respondi: "Só realizarei teu pedido se aceitares ser minha esposa".

Sharazade, após todo esse tempo (estado) junto a mim, aceitou meu pedido e permaneceu me contando histórias por muitas e muitas noites.

frangky,
o meu relato me
parece muito bom
mas não dá
para julgar
sem ler o livro
de 1001 noites
de mil e uma
noites.

norma

Nos momentos em que ^{duela com a culpa dos outros} ~~eu~~ a parte sobre o ~~palácio~~ de meu irmão, ~~eu~~ ^{eu} ~~estava~~ ^{estava} ~~aumentando~~ ^{aumentando} minha ~~aproximação~~ ^{aproximação} no-
bra os fatos (que a todo momento) ^{retornando a} ~~podem~~ ^{podem} ~~manter~~ ^{manter} a minha ca-
lidade as memórias de (ver a) minha (aparente) amada e de-
vota esposa. Na cama com meu ^{meu} ~~filho~~ ^{filho} ~~no momento~~ ^{no momento}
em que eu ~~deixei~~ ^{deixei} ~~estas~~ ^{estas} ~~foras~~ ^{foras} ~~para a~~ ^{para a} ~~visita~~ ^{visita} ~~de~~ ^{de} ~~meu~~ ^{meu} ~~irmão~~ ^{irmão}.
(Naquela) ^{de} ~~momento~~ ^{momento} ~~de~~ ^{de} ~~navegar~~ ^{navegar} ~~em~~ ^{em} ~~os~~ ^{os} ~~mares~~ ^{mares} ~~naquela~~ ^{naquela} ~~noite~~ ^{noite} ~~as~~ ^{as}
[umas daquele momento as unhas voltaram a mim a to-
do momento, Shurazade.]

Enquanto naquela noite a tristeza das minhas visões
naquela dia me rondavam, fui pensar pelo palácio do
meu irmão, onde vi um fato que me deixou ainda mais
increduloso. (por) No momento que cheguei na cidade do palá-
cio, que era voltada para a piscina, li o desprazer de
ver a adorada esposa de meu irmão ~~chegaram~~ ^{chegaram} ~~sendo~~ ^{sendo} ~~pos-~~ ^{pos-}
sível por um ~~estorço~~ ^{estorço} ~~esforço~~ ^{esforço} ~~Shurazade~~ ^{Shurazade} ~~esse~~ ^{esse} ~~fato~~ ^{fato} ~~me~~ ^{me} ~~foi~~ ^{foi} ~~que~~ ^{que}
naquela momento, ~~foi~~ ^{foi} ~~nação~~ ^{nação} ~~de~~ ^{de} ~~que~~ ^{que} ~~meu~~ ^{meu} ~~problema~~ ^{problema} ~~não~~ ^{não} ~~tinha~~ ^{tinha}
a ~~diminuição~~ ^{diminuição} ~~por~~ ^{por} ~~minha~~ ^{minha} ~~imaginação~~ ^{imaginação}.

Nos poderes de meu irmão ao palácio, Shurazade, eu
e com toda a traição de sua mulher (enquanto ele estava
fora) juntos preparamos uma emboscada para que ele pudesse
ver o tamanho da traição de sua esposa. Assim feito,
ele viu quem realmente era sua esposa.

Shurazade, logo em seguida eu e meu irmão partimos em
viagem, e não paramos nunca nos aproximamos novamente e
que todos os ^{seus} ~~mulheres~~ ^{mulheres} ~~deviam~~ ^{deviam} ~~pagar~~ ^{pagar} ~~por~~ ^{por} ~~ver~~ ^{ver} ~~(que)~~ ^(que) ~~fez~~ ^{fez} ~~os~~ ^{os}
noites eu matei uma mulher ali o dia em que ~~eu~~ ^{eu} ~~conheci~~ ^{conheci}
minha amada.

Ademais,

o ~~caso~~ ^{caso} ~~de~~ ^{de} ~~um~~ ^{um} ~~cento~~ ^{cento} ~~em~~ ^{em} ~~feito~~ ^{feito} ~~como~~ ^{como} ~~se~~ ^{se} ~~Shurazade~~ ^{Shurazade} ~~foi~~ ^{foi}
muito ~~distante~~ ^{distante} ~~e~~ ^e ~~na~~ ^{na} ~~mente~~ ^{mente} ~~boa~~ ^{boa} ~~mas~~ ^{mas} ~~ele~~ ^{ele} ~~precisa~~ ^{precisa} ~~analisar~~ ^{analisar} ~~os~~ ^{os}
fatos ~~os~~ ^{os} ~~casos~~ ^{casos} ~~de~~ ^{de} ~~um~~ ^{um} ~~cento~~ ^{cento} ~~em~~ ^{em} ~~feito~~ ^{feito} ~~Reconstruir~~ ^{Reconstruir} ~~o~~ ^o ~~meu~~ ^{meu} ~~caso~~ ^{caso} ~~para~~ ^{para} ~~que~~ ^{que} ~~eu~~ ^{eu} ~~conheci~~ ^{conheci} ~~de~~ ^{de} ~~se~~ ^{se} ~~que~~ ^{que} ~~Shurazade~~ ^{Shurazade}

VERSÃO FINAL

01 Sou filho de um grande rei das ilhas da Índia e
 02 da China, e meu nome é Charias. Após vinte anos
 03 sem ver meu irmão mais velho, Chagaman, Chameiso
 04 para me visitar em meu reino. Quando chegou, perce-
 05 li que algo o perturbava, e ~~ele~~ compadei-me por
 06 uma caçada, esperando que lhe fizesse bem, mas ele
 07 recusou, com o mesmo semblante triste. Porém, na vol-
 08 ta, ele me parecia sadio novamente, então perguntei-
 09 lhe como havia se curado, e o que ele me contou
 10 depois fez com que eu perdesse muitos cuidados: contou-
 11 me a sobre toda a traição de minha esposa, e sua
 12 própria história. ✓

13 Planejei, então, ~~uma~~ uma ida para a Coca
 14 para ver com meus próprios olhos. Tomada pela
 15 desfeita após confirmar a infeliz realidade da
 16 infidelidade de minha amada, decidi partir em
 17 viagem com meu irmão para encontrar algum
 18 outro pobre homem que tenha passado pela mes-
 19 ma que nós. ✓

20 Em um momento da viagem, conhecemos uma
 21 adolescente e um ilhéu, e ela nos contou enquanto
 22 eu parecia dormir, como ele havia sequestrado-a
 23 em sua noite de núpcias e ela, em vingança, ti-
 24 nha aventuras amorosas com quantos homens
 25 conseguia. Eu e meu irmão nos sentimos comoda-
 26 dos pela situação de um ser tão poderoso como
 27 o ilhéu, e decidimos voltar para nossos lares. De-
 28 po, decidi contar a péssima de minha ingrata
 29 esposa, das aventuras e escândalos que faziam par-
 30 te de suas orgias, e a cada noite eu desmigiava
 31 uma mulher para matá-la, sem seguida.
 32 Uma noite, meu irmão me trouxe sua filha, Shungade,
 33 já um pouco crescida, antes de partiu-la, repetei seu dese-
 34 jo de ver o irmão mais velho, e logo depois de ter-la
 35 com mim, começamos a conversar, e, juntamente com
 36 a esposa, que ele por me deixara pela noite da noite com um corte
 da Shungade

Assinatura do tutor

Thais Braga Barros - 08/4/10

LPT - Turma D - Roberto Gomes

28/4/11

Quais das ações 'você' precisa

identificar em seu cotidiano? De que modo...

As duas irmãs, após a fuga da vida de luxo que usufruíam em seus castelos, nunca mais foram os mesmos. Tornaram-se frustadas, mas mantiveram o reconhecimento de sua realidade por parte de seus irmãos. Chamar, pensando pelo dor da lembrança do amor em que sua vida estava em meio à religião, causava a outras mulheres o mal que descrevia aquela que um dia amara. Chamaram atenção para o que estava acontecendo pelo mundo.

Chamar e Chamar, instalaram-se durante três anos em um pequeno povoado. Chamar, a cada dia, conversava com a irmã para contar-se com ele e logo em seguida a irmã. Com pesar, a irmã era arrastada de sua família e era levada a seu leito de morte. Durante este período, a paz e a alegria da pequena cidade, e as famílias eram destruídas com o perda de suas filhas. O que passou então a conviver mais de pessoas cada vez mais distintas.

Thais, filha, uma ^{irmã} chamada Shurozode, que vivia em um povoado muito distante. A ^{irmã} era muito desejada devido a sua beleza e feminilidade. Era inteligente e cuidava de sua família com muito zelo. Todos os meses, contava histórias para seus irmãos dormirem. As histórias que era cobrada pela mãe de seu, Shurozode não teve nenhuma conexão com sua vida de viver com aqueles irmãos de seu. Ela mostrou-se disposta a arrastar sua vida para salvar a de outras mulheres.

Quando Shurozode recebeu a ordem para que se casasse com o rei, a mãe fez os maus e um dos seus filhos vários livros de histórias e contos. Ela acreditava que se pudesse dialogar com o rei, ^{ela} poderia mostrar-lhe um novo mundo por meio das histórias, talvez conquistando-lo de sua maldade.

norma

não deve ser usado antes da virgula

→

Universidade de Brasília: Laboratório de Textos
 Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP)
 Professor(a) Roberta Gomes
 Disciplina: Leitura e Produção de Textos
 Produtor do texto: Maniana Carvalho S. R. Silva
 Gênero textual: ?

Turma

B?

Turma

LEGENDA PARA REESCRITA DE TEXTOS

G - inadequação ao gênero

? - incoerência

S - problemas de sintaxe (concordância, erro de paralelismo sintático e/ou semântico, regência, crase, etc.)

L - inadequação lexical (significa que a palavra/expressão selecionada não está adequada; deve ser substituída)

O - ortografia

R - repetição (de vocábulo, ou de ideia)

P - pontuação

¶ - paragrafação

(...) - falta complementar (Se a legenda for colocada no final do período, significa que a frase está incompleta. Se a legenda for colocada entre palavras, significa que há necessidade de inserir informação que não foi explicitada.)

PRIMEIRA VERSÃO

01	
02	Inciso de Chamar se tornou meu lar quando fui
03	capturada e vim morar. No início, apenas trabalhava
04	servindo frutas às nobres e de vez em quando para
05	as aparições durante discursos do rei Chamar.
06	Um dia foi anunciada a casa que o rei faria
07	e não entendi a euforia dos outros porque em
08	relação à ausência do rei. Logo, fui chamada entre
09	outros dezesseis outros jovens e outros vinte outros
10	para o jardim do palácio, onde havia uma piscina.
11	Observei a presença da rainha seminus e que nos
12	recebia sem cerimônia e formalidades ao seu jardim.
13	Ela chamou o nome de um escravo específico, o mais
14	forte que havia, e os outros de todos estavam lá.
15	Eu ainda não tinha compreendido o que acontecia.
16	Assim que o escravo chamado pela rainha
17	chegou, todos se entrelaçaram num grande abraço
18	eu inclusive no meio daquele abraço, fui tomada
19	por colapsos e desconhecidos, uma louca euforia no
20	meio do jardim real e assim compreendi a necessidade
21	da ausência do rei. Assim, este acontecimento se repe-
22	te a cada vez que o rei via. E ele nunca desistiu
23	A última vez que ouvimos falar do rei foi numa
24	casa que ele foi engrandecer o irmão dele. Chamaran
25	estava presente. Na primeira a euforia aconteceu e o rei
26	Chamar nada percebeu. Na segunda vez durante a visita
27	do irmão real, o bacanal se repetiu mas o rei não
28	retornou, aqueles que o acompanhavam na casa diz-
29	que ele desapareceu durante a noite.
30	Dizem que escondeu a presença a euforia da rainha.
31	Eu não sei o que aconteceu que ficou desapercebido.

Nome: Kayle Custyna
 Nome: Roberta Gomes LPT

07/04/11

Meu nome é Chazomam, tenho dois filhos. Tive casado com uma linda mulher (na qual eu acreditava ^{em sua fidelidade eu acreditava} em sua fidelidade). Porém, certo dia eu ^{cheguei} cheguei cansado ao mesmo lar e o vi ^{com} com um escravo viril um pouco como. Foi como se o mundo tivesse desabado diante de mim naquele momento.

Sem mais pensar, retirei meu fôlego e realizei, com muita raiva e despeito, a execução dos dois ali mesmo.

Fui pra casa de meu irmão Cláudio. Pensamos e refletimos sobre as coisas da vida. Chegamos à conclusão medonha de que íamos vítimas da mesma maldade, chamado traição.

Contei a tudo sobre o acontecido, e sua esposa também praticava coisas com muitos escravos.

Decidi que dali em diante eu começaria fazer virgens e puras, uma a cada noite, para que eu pudesse possuí-las e matá-los em seguida. Eu não me atrevia ^{me atrevia} me atrevia a matar a mais nenhuma mulher. ^{Eu não me atrevia a matar nenhuma mulher.}

Então, (passaram)-se três anos, com-

continuava o vazio em meu peito. ^{1º} Virgens
 naquela povoado estavam ficando escassas
 [Sherazade era uma virgem linda
 que pensava ^{em} de meu encontro
 e gostaria de vir de encontro a mim.
 Sua família não queria aceitar o desti-
 no por ela escolhido. Mas, mesmo assim,
 ela veio.

Todas as noites, <sup>na noite em que
 conheci a virgem
 de Sherazade</sup> eu ^{1º} encontrei com
 sua beleza. Ela me contava histórias
 até que eu adormecesse. Com todo seu
 charme, Sherazade conseguiu me sedu-
 zir durante mil e uma noites. Eu, ta-
 to satisfeito, decidi casar-me com ela.

Epílogo,

Suas ideias são muito boas, mas precisam ser organiza-
 das com mais clareza. Então eu dou uma continuação

uma segunda
vez não foi nada
nada corrigida.

Professora: Rellita Gomes

Disciplina: Leturas e Produção de Textos Turma: B

Aluna: Sarah de Queiroz Barros

8

Li muito tempo, quando eu era apenas uma criança, era muito feliz em minha cidade, tinha muitas amigas, mas tinha uma espécie que era a choragade. Um dia fui forçada a mudar de cidade, pois meu pai morreu novo e tive que reclamar a meu direito como ~~se eu não tivesse~~ um jovem rei. ✓

Junto com a turma cheguei ao responsável. Lições com a meu pai, tive que me casar com uma mulher do local onde fui reinar, ele era muito bonito. ✓

Uma bela dia estava andando pelo jardim e me lembrei que já tinha 20 anos que não falava com meu irmão, ele foi um dos mundanos e me dei lembrar meu irmão charier dizem que ele chegou parece que algo estava errado, mas depois de alguns dias ele tinha melhorado muito rápido, então resolvi perguntar o porquê e ele falou que minha esposa estava promovendo festas intoleráveis por ser uma rainha, não acredito! ✓

Quando ele que era cidade cresceu vir como meu irmão e todos os reis da minha cidade ficaram semigo apenas uma noite e depois os mataram.

Li que valendo que a última virgem da cidade chorar com a choragade e me lembrei da mi.

meu antigo amigo, quando ela chegou em meu quarto não consegui mais. Lá estavam os outros fingia que estava dormindo.

Sarah,

Talvez organizar as ideias e o tempo verbal poderia ter sido mais específico. Uma hora você fala no pret. ^{im}perfeito e outras vezes escreve no future/presente.

"))

(/ /)

Universidade de Brasília
 Nome: Matheus Gonçalves de Souza
 Matrícula: 11/0017676
 Lettura e Produção de Texto
 Gênero: Narrativa

Em uma noite de lua cheia, como de costume, dirigi-me ao quarto de meu filho Sharigor, que havia completado 13 anos na noite anterior, para lhe contar uma história até que ele visse a adormecer. Ao chegar em seu quarto, lembrei-me que ^{na} era hora de contar a ele minha história.

Sentei-me ao lado de meu filho e disse que lhe contaria a história de minha vida. Intrigado, ele perguntou:

- Pai, mas ^{por que = por qual razão} porquê demoraste tanto para me contar essa história?

Então, ^{por que = por qual razão} lhe respondi que estava esperando o momento oportuno para contar essa história. ^{por que = por qual razão} Assim, comecei a contar.

Há muito tempo, eu era rei de um pequeno povo que meu irmão, Sharior, de outro. Certo dia, cheguei em mensagem de meu irmão dizendo que ele desejava que eu fosse visitá-lo.

No dia seguinte, parti em direção ao meu reino. Mas, no meio do caminho, lembrei-me que havia esquecido meu presente, então voltei para pegá-lo. ^{quando estava a caminho do reino...} Chegando, encontrei minha esposa ^{estava para os olhos dela} ~~ex~~-espera ^{estava} ~~estada~~ com um escravo e matei-o.

Depois segui viagem. Chegando lá, ^{suplicação} encontrei ^{tilibra}

trai com meu irmão. Alguns dias depois, ele per-
cebeu que eu estava mal, (então) perguntou se
que era e me chamou para caçar. Recusei
seu pedido com vergonha, quando ele saiu, fui até
a jomela e contei que sua esposa, junto com
outros escravos, praticavam atos sexuais com
escravos. <sup>Restauração! Sugestão: "A minha esposa e meus
escravos praticavam atos sexuais com outros escravos."</sup>

Quando Charian chegou, lhe contei de ver-
dade, e ele, triste, sugeriu que ^{eu} partissi-
mos. Aceitei, e depois de alguns dias de via-
gem, fomos dirigidos a nos deitar com uma
mulher casada. Depois desse dia, voltei para o
meu reino e resolvi me deitar com uma virgem
a cada noite. Assim, dormia com elas e depois
as matava. <sup>Restauração! Sugestão:
"Eu pretendia matá-las com a ajuda de um escravo."</sup>

Até o dia em que sua mãe foi a "virgem
da noite". ^{Ela, usando seu filho como escudo.} ^{Restauração!}
Contou-me contos para que eu dormisse e me
a matasse. Depois de 1001 contos e noites,apai-
xonei-me e casei-me com ela.

- Boa noite, filho. Esta é a minha história
de vida!

^{Co} Para que este desfecho tenha coerência com o texto e
seja: que seja marcado e conclusivo.

Matheus,

Sua ideia não está boa, mas está muito organizada com mais

detalhes.



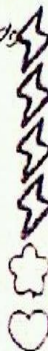
a matana depois. [Uma delas se chamava Shuazade,
quando vou me deitar com ela, Shuazade começa
a contar coisas para mim toda a noite, mas todas as
noites é um que ela me conta as histórias um de ad-
meio] 2ª Restituição em delecto. E mais também observe o
tempo verbal da narração.

Juliana Aguiar
Pereira

Gabriel,

Sua educação é muito boa e sua caligrafia é bem legível.

Tem cuidado com as repetições e com as palavras repetidas.



na habilidade em contar histórias, e fez todos os
dias adormecer em meus braços.

A prepotência do rei o fez crer que nunca se apa-
roxaria ^{lucidez com a esposa!} que usaria as mulheres como bem quizesse,
e eu, uma simples filha de rei. ^{Com máscaras e conturbações - 12 de 100} Muito alto percebi
que não existe um amor todas as noites mas a cada
noite ele se apaixona pela mesma mulher.

Eu nunca contava sonhos. Porém nasceram muitos a sua
sua de uma forma mais clara e, se isso não for possível, me deu
simplicidade e desfecho.

Me,

as suas ideias são boas, mas você precisa organizá-las
para torná-las mais claras e coerentes.

Turma?

Caio Nogueira Gonçalves

Matricula: 08/25859

Resumo do Capítulo 1: Os mitos que cercam o ato de escrever, do livro *Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever*

GARCEZ, Lucilla Helega do Carmo. *Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo, Martins Fontes, 2002, pp. 1-12.

O capítulo do livro se trata dos mitos e crenças que são desenvolvidas pelas pessoas sobre a escrita. Com a intenção de desmistificar tais mitos, a autora seleciona os principais e faz uma análise deles um a um, com a utilização de exemplos literários de autores famosos, tanto para trechos que concordam com seu ponto de vista quanto para exemplos literários, e tenta induzir o leitor através de argumentos lógicos. Utilizando tais ferramentas, para indicar que a escrita é um ato trabalhoso que exige empenho, dedicação, estudo e principalmente prática. Também da importância do valor e exigência da escrita no contexto moderno e que dicas e atalhos não fazem um bom escritor. Ela tem como objetivo final o aprimoramento das técnicas de escrita do leitor, para isso foram postos exercícios e indicações ao final do parágrafo para a prática do leitor. É um capítulo informativo com caráter didático que introduz muito bem a ideia geral do livro.

Palavras-chave: Escrita, Mito, Empenho, Prática, Importância social.

Itálico

- 1 - não explicita que quem escreveu o assunto não é a mesma pessoa que escreveu o texto
- 2 - não analisa opiniões pessoais

Bom!

||

Marina Uluaranga
27/06/2011

Universidade de Brasília: Laboratório de Textos

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP)

Professora: Roberta Gomes

Disciplina: Leitura e Produção de Textos (1º/2011)

Turma: D

Produtor (a) do Texto: Sarah Figueira Ramos

Data: 15/06/2011

Título da Produção: Os mitos que cercam o ato de escrever

Resumo → *sem resumo*

Vários fatores contribuem para que crenças a respeito de como se dever escrever, nem sempre as mais adequadas, fossem se configurando e se enraizando. Embora seja uma das tarefas mais complexas ¹ que as pessoas ² chegam a executar, todos podem escrever bem. Será feita uma reflexão acerca dos mitos mais devastadores, ³ são os que levam alguém a acreditar que escrever seria um dom e poucas pessoas o possuem, um ato espontâneo que não exige empenho. A escrita ⁴ é uma construção social, coletiva, tanto na história humana ⁵ quanto na história de cada indivíduo. O que vai determinar o seu grau de familiaridade com a escrita ⁶ é o modo como ⁷ aprendeu a escrever, a intensidade do convívio estabelecido com o texto escrito e a frequência com que escreve. Consequentemente, ⁸ são esses fatores que vão definir também a maturidade e desempenho na produção de textos.

*duas
situações
justificadas*

→ *verdade sobre as palavras-chave?*

→ *lógica metodológica*

*sem
11*

Maura Alvarado

27/06/2011

Universidade de Brasília - Instituto de Letras
 Departamento de Linguística Portuguesa e Línguas Clássicas
 Professora: Roberta Gomes
 Período: 1º/2011
 Aluno: Inês Iacira Mendes Duarte
 Turma: D
 Assunto: Resumo acadêmico

(GNERRE, Maurício. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Ltda, 1991).

①
 O autor, através de um estudo que traça as perspectivas históricas da variação da linguagem, trata de estabelecer pontos de convergência e embate de ideias, acerca do ideal do poder da linguagem na evolução da humanidade. Na trajetória da linguagem, lidamos com a predominância do latim, e surgiu o desafio de adequação léxica e sintática para a criação de novas línguas. A normalização também dependia da adaptação da tradição gramatical greco-latina, que no começo da idade média a mesma tradição era associada a essas duas línguas clássicas. O domínio da língua era considerado um sinal de superioridade econômica e cultural, enfatiza-se a criação dos dialetos como presença de novos costumes e a supressão dos mesmos como a imposição de uma doutrina. A vinda dos portugueses para o Brasil trouxe o advento de uma nova cultura, com suas particularidades eles impuseram nos seu modo de vida, sua cultura. O autor nos coloca na condição de colonizados, mesmo depois da desocupação de território ainda continuamos com as raízes do povo português em nossa história. É insada a influência europeia de dominação da língua, que destaca também os valores econômicos, raciais e étnicos. A língua também é apresentada como pacificadora de conflitos, na visão do autor, a língua não escrita serve como apoio, e polarizadora de consenso para o núcleo central de poder linguístico explícito: o Estado. (GNERRE, 1991, p. 11-19)

o resumo
 deve ser
 justificado

- ②
1. Pinta o polono "branco", em ruído
 2. Pintaram as palavras chaves

→ Pinta de na mitologia

→ o resumo acadêmico deve conter aproximadamente 300 palavras

Maura Maranhão

27/06/2011

Universidade de Brasília - UnB

21 de junho de 2011

Aluna: Thaís de Araújo e Silva - 090014383

Professora Roberta Gomes

Leitura e Produção de Textos

turno?

A trajetória do negro na literatura brasileira

nome completo

FILHO, D. P. A trajetória do negro na literatura brasileira, *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, jan/abr. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em ?

- ① Este artigo analisa a trajetória do negro na literatura brasileira por meio de textos que abordam a questão do negro e também através do negro como autor e reproduzidor de uma visão sócio-histórica sobre sua própria etnia dentro da literatura. Nessa direção, foram escolhidos alguns autores e textos que representam os movimentos de autoafirmação do homem negro. No artigo, ressalta-se a visão estereotipada, a luta pela liberdade e a tentativa de uma visão integradora, dando voz aos negros. O tratamento marginalizador por meio de falas típicas, carregadas de africanismos, ritmos, sentimentos e problemáticas peculiares produz um preconceito velado com o pretexto de valorizar a cultura e a sociedade afrodescendente. O exercício da literatura associa-se, assim, também em sentido amplo, aos movimentos de afirmação do negro, a partir de uma tomada de consciência de sua situação social, seja em espaço africano ou fora dele e conduz, entre outros aspectos, à preocupação com a particularização cultural mencionada.

resumo
Palavras-chaves: Negro; Literatura; Cultura; Estereótipos; Preconceito.
um menorcula
um
espaço

1. a palavra "Resumo", um resumo, deve estar escrita.
2. do estudo da Jguia do corpo no papel do autor.

Muito bom!

☺

Marina Chaves



Universidade de Brasília: Laboratório de Textos
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP)

Professora: Roberta Gomes

Disciplina: Leitura e Produção de Textos (1º/2011)

Turno: D

Produtor (a) do Texto: João Vitor Moreira Chierregatti

Gênero Textual: Resumo

Data: 20/06/11

Título da Produção: Resumo do Artigo Científico 'Os mitos que cercam o ato de escrever' - GARCEL, L.H. do Carmo

* não é indicado deixar explícito que o autor do resumo e o autor do artigo não são a mesma pessoa

O autor do artigo científico ^{passa} em seu texto ^{que os mitos da escrita} cristalizados na sociedade devem ser trabalhados, a fim de mostrar que sua existência deve ser quebrada, pelo menos dos mitos ^{que excluem a maioria das pessoas}. Após isso, ^{desmistificam-se} vãos mitos ^{que são usados como exemplo pelo autor, citando textos literários e/ou ideias de outros autores que falam sobre o mesmo assunto}, comprovando sua tese. Outro tema abordado no texto é a importância do empenho e trabalho para desenvolver a habilidade da escrita, que é vinculada a prática social ^{le pela importância do dela no papel mundial, sendo uma das maiores responsáveis por essa evolução}. No fim, não se excluem os mitos, porém eles ^{são} reconsiderados, deixando-os mais realistas ao verdadeiro processo ^{que envolve a leitura, que é a confiança, a motivação, a prática e o empenho e não somente dons, espontaneidade e dicas, por mais que eles ajudem a quem já tem essa habilidade.}

ritu suas adequações

em artigo, recorrente

Rever os verbos

③ **Palavras-chave:** Cristalizados, Quebrada, 'Empenho e trabalho', Habilidade, Prática social.

- de acordo com o ABNT
- 1- Deu duas opções
 - 2- a palavra "leitura" deu lugar a "leitura, em riqueza"
 - 3- as palavras-chave devem estar em itálico

se não o quê?

→ as ideias são boas, mas a coerção e a coerência estão extremamente afetadas. Seria adequado acrescentar o texto com mais clareza

Mariana Vitorino
27/06/2011

Universidade de Brasília
 Ciências biológicas
 Marcelo dos Reis Veras
 Disciplina: Leitura e produção de textos
 Prof.ª Roberta Gomes
 21/06/2011
 Gênero: Resumo científico
 Título: Linguagem poder e discriminação

Thema?

BAGNO, Marcos. Linguagem, Poder e Discriminação. Edições Loyola, São Paulo: 1999. 30p.
 Disponível em:

http://aprender.unb.br/file.php/3756/Semana_1/Leitura_Semana1/GNERRE_Linguagem_Poder_e_Discriminacao_Cap_1.pdf Acesso em: 15 jun. 2011.

→ aqui deve constar a palavra "Resumo" com um símbolo

O texto trata da linguagem em suas variadas formas, falada e escrita, da discriminação gerada pelo uso de determinada linguagem por parte de classes sociais mais simples e do poder que a língua tem de comunicar e influenciar as pessoas. A função principal da língua é se comunicar, as pessoas falam para serem ouvidas e para influenciar outras pessoas. Bons exemplos disso são as aulas, discursos políticos e sermões de igreja. A tese do texto, em relação ao poder da língua, está fundamentada nos costumes da antiguidade. Uma das formas de destaque da burguesia em relação ao povo era seus conhecimentos sobre a linguagem e, além disso, os países de antigamente acreditavam que ter uma variedade linguística era sinônimo de poder. A língua chegou como uma forma de unificação da sociedade. A lei diz que todos os cidadãos são iguais perante ela, porém a língua é também um meio de discriminação recorrente, pois várias pessoas não têm acesso ao aprendizado da língua culta e "correta". Por isso, a forma como as pessoas falam é motivo pra muita discriminação. O autor defende, por fim, que a "gramática normativa não escrita" exerce uma função de equilibrador hegemônico para a gramática normativa escrita.

Palavras-chave: Poder, Língua, Discriminação.
 em itálico

* não é bem explícito que o autor do resumo não é o mesmo do texto

Muito bem!

Marcia Vilanova
 27/06/2011

Professora: Roberta Gomes

Disciplina: Leitura e Produção de Textos (1º/2011)

Turma: D

Produtor (a) do Texto: Gustavo José de Carvalho

Gênero Textual: Resumo

Data: 21/06/11

Título da Produção: Resumo do Artigo Científico 'Os mitos que cercam o ato de escrever' - GARCEL, L.H. do Carmo

O artigo ⁽¹⁾ começa ^{SL} a nos ^{SL} passando que mitos ^{SL} vêm ^{SL} nos sendo cristalizados a ^{SL} respeito da produção de textos, durante a nossa vida escolar, e que esses devem ser ^{SL} quebrados ^{SL}. Exemplos desses mitos são citados e, ao mesmo tempo, o autor ^{SL}, com apoio de textos literários e ou idéia de outros autores que falam sobre o mesmo assunto, vai desmistificando-os. É ^{SL} abordado também que para se desenvolver a habilidade da escrita deve-se ter muito empenho, dedicação e esforço. No fim ^{SL}, é citada ^{SL} a importância da leitura para ^{SL} sermos bons redatores, pois a leitura é a prática, a ^{SL} confiança ^{SL} a motivação e o empenho e não somente criatividade, facilidade, dons e dicas, ^{SL} mesmo ^{SL} que eles ajudem muito na hora da produção.

SL
não é bem a-pla-
tar que o autor do resumo não é o mesmo do texto

SL
Resumo deve estar justificado.

em itálico
Palavras-chaves: Mitos, 'Dedicação e esforço', Confiança, Facilidade.

- a referência não está adequada
- a palavra "Resumo" deveria estar abaixo da referência
- cuidado com a inadequação lexical!
- é proibido o uso de 1ª pessoa

Maura Moura
27/06/2011